

IV CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE

Pôrto Alegre, de 19 a 26 de julho

de 1959

- Discurso do Professor Renato Almeida -

De novo os estudiosos de folclore dão encontro nos pagos gaúchos e recordam emocionados a reunião de 1950, quando iniciávamos o nosso movimento e recebíamos aqui o calor do vosso entusiasmo, da vossa confiança, do vosso idealismo.

Dante de Laytano, clara inteligência, dinamismo infatigável, simpatia irradiante, havia congregado na Comissão de Folclore do Rio Grande do Sul personalidades de significativo relêvo e iniciava ela uma atividade exemplar que, vencendo obstáculos e realizando impossíveis, se constituiu motivo de orgulho de todos nós.

Quando aqui estivemos havia apenas amor e boa-vohtade, com meios escassos e deficientes. "Os dias corriam na esperança de um só dia..." Mas êsse dia não nos ia chegar por acaso, caído do céu por descuido. Tinha de ser uma conquista lenta da Comissão Nacional de Folclore, mas, aqui, já sentíamos que tinham germinado as sementes.

As dificuldades contudo não nos intimidavam e, se não podíamos desde logo resolvê-las, não ficávamos a insistir, buscávamos outras soluções. E prosseguia o labor sem desfalecimentos e os meus colegas sabem o muito que realizaram, por êste país a fora. Uns mais outros menos, não importa, lançamo-nos à labuta sem olhar mesmo qual havia de ser a colheita. Maior? menor? qu'importava? Chamávamos a atenção do Brasil para o folclore, despertando vocações de estudiosos e contaminando a alma nacional com êsse interêsse pela vida popular, de tal forma que o folclore deixou de ser para o consenso geral uma falsificação ou uma diversão graciosa, foi visto em sua realidade, como fenômeno cultural e estético de importância fundamental. Os seus cultores, alguns do mais alto valor, iam também encontrando meios de desvendar melhor o campo de suas observações.

Semanas, congressos, revistas, mesas-redondas, publicações, debates e polémicas pouco a pouco se aclarava e revelava o significado do folclore no âmbito da vida nacional. Mas vimos, desde o começo

que não seria possível realizar êsse programa por atos apenas gratuitos, de boa-vontade. Em 1951, no nosso 1º Congresso apelamos para o Governo, pedindo um órgão que, com meios e possibilidades, fôsse capaz de levar a efeito o que planejávamos e não tínhamos elementos para realizar. Conheceis todos a peleja em seus mínimos pormenores. Afinal pudemos instalar, no dia do folclore do ano passado, no Ministério da Educação e Cultura, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Não foi um ato de munificência do governo, foi o reconhecimento pelo Chefe da Nação de que nosso labor devia ser apoiado, pelo seu valor, pela sua significação, pela sua projeção nacional. Foi o que nos disse, inaugurando o Congresso da Bahia, o eminente Presidente Juscelino Kubitschek. E já hoje nos reunimos aqui com a colaboração eficiente dessa Campanha, que se une a nós visando aos mesmos ideais.

Ainda que um organismo oficial não possa resolver as questões com a rapidez de um instituto particular, a Campanha não vem aqui de mãos vazias, trazemos normas e diretivas de trabalhos e podemos anunciar a instituição de concursos, o estabelecimento dos primeiros cursos no ano vindouro, o início de trabalhos de campo e o aparecimento de uma revista. Abertas a tôdas as sugestões, a Campanha se destina a ser um fator vivo e ativo no estudo de nosso folclore e na defesa do acervo de suas riquezas.

Nós, da Comissão Nacional de Folclore, não temos contudo de diminuir nossas atividades nem considerar a Campanha o fim de nossos esforços. Ao revés, exatamente porque existe êsse órgão é que devemos duplicar nosso labor, a fim de que sejamos as fontes esclarecidas onde encontre orientação para suas atividades, onde possa recrutar pessoal capaz de realizar seus projetos, tudo numa colaboração cordial e efetiva, tanto mais quanto, pelo decreto que instituiu a Campanha, teve nela assento, a título representativo, o Secretário-Geral da Comissão. Cabe-me, pois, recordar aqui aos companheiros que, no Conselho Técnico da Campanha, eu sou o delegado de todos êles, portador de suas sugestões e dêles fiel e constante mandatário.

O caminho, sabeis muito bem, é difícil, e a complexidade das questões enorme, quer no aspecto doutrinário, quer no técnico, quer nas

pesquisas de campo, quer na escôlha do pessoal especializado, de cuja falta tanto nos ressentimos pela deficiência de cursos adequados.

Quando nos reunimos, os meus ilustres colegas do Conselho Técnico e eu, nas manhãs de sábado, à rua Santa Luzia, para os planejamentos, e iniciamos a troca de idéias em tórno dos diversos temas, fazemos o cotejo das possibilidades e o exame da situação, e' que podemos estimar como o assunto desafia a nossa capacidade de ação. Urge, antes de tudo, uma colaboração de todos os companheiros e se, até êste momento, não lhes batemos às portas, é que o esforço inicial ainda é de demarcação de terreno. Mas os vossos nomes vivem em nossas bocas e a cada instante vemos com quem contar, a quem apelar, a quem solicitar auxílio. A responsabilidade que temos em face do governo, de todos vós e do país exige que ovitemos os atropelos. Confiamos muito em que dêste Congresso saiam sugestões de alta importância e como nêle o Conselho Técnico da Campanha está presente, por todos os seus componentes, fácil será assentar um entendimento fecundo.

As atividades de pesquisa, em particular as da pesquisa social, a coleta e a sistemática de Folclore exigem tempo, sem o qual não subsistem. A paciência no coligir, a lentidão dos inquéritos, a persistência em deslindar os pontos obscuros, o estudo do material, de sorte a não proceder nunca por hipóteses, mas só concluir apoiado em exemplos, muitos por vêzes, tal como aconselha Sébillot, a fim de se conseguir informação perfeitamente autêntica, não se há-de fazer correndo. Não devemos ter os olhos voltados para a afoiteza de mostrar volume de trabalho, mas para resultado da pesquisa. O efeito é o maior inimigo das ciências sociais, porque de qualquer pesquisa superficial podem resultar documentos, senão de todo despiciendos, mas significando somente um avanço irregular no caminho da verdade que se busca. Assim temos de andar com firmeza se desejamos realmente contribuir para conhecer o folclore do Brasil. E isso sem aludir às dificuldades já mencionadas, decorrentes das dimensões do país, da deficiência de pessoal, dos meios reduzidos para planejamentos de maior envergadura. Se julgamos que o Folclore deve ser situado com autonomia científica

no âmbito das ciências antro-po-sociais, reconhecemos a mais que o nosso esforço não se limita, nem se tem de limitar, a êsse aspeto de investigação. Do mesmo passo o folclore é elo de continuidade nacional, manifestação viva e persistente do povo, que nos compete defender e salvaguardar, evitando que à mímica de proteção desapareçam ou se atenuem os elementos tradicionais que lhe animam as manifestações. Depois nelas estão as sínteses do saber e da emoção do povo, fontes de inspiração, motivos de arte, reservas da psicologia nativa que vão ~~servir de motivo para~~ ^{modelar} as grandes criações e ~~orientação~~ ^{para} o melhor conhecimento das dimensões da alma nacional. O aspeto social e estético, posso mesmo falar do político do folclore, é básico e temos de cuidar, não apenas no plano de pesquisa do saber, do como é e do porque é, mas no da justificativa de sua existência e da garantia de sua permanência.

Na extensão de vossas coxilhas ressoam infinitamente melodias, cantos formosos e longos que as gaitas acompanham vivazes, enquanto as "prendas" bonitas dançam em movimentos e ademanos caprichosos. E lá está o peão simples, chupando seu chimarrão e recordando as visões luminosas da mãe do ouro ou boi-tatá, que êle viu com seus próprios olhos... E a magia das coisas absorve a alma humana e tudo é a poesia do folclore. Não pelo sortilégio da imaginação que toca as coisas com laivos de fantasia, mas o fundo misterioso da gente que transforma o mundo aos olhos enamorados do homem humilde, e ascende a nós como uma realidade enevoadá pelas sombras do terror, do medo, da superstição. O Negrinho do Pastoreio não é um conto inventado, é um fato, um processo da escravidão. A lenda germina nas coisas concretas, que fielmente revela.

Cocchiara acentuou o erro de se pensar que o mundo popular se dissolve no erudito e êste se degrada no popular, quando possuem características específicas. E por elas êsses dois mundos convergem muitas vezes no conceito e na demonstração.

O Folclore é uma lição permanente, está na filosofia de seus fatos, na beleza de suas formas artísticas, na agudeza de suas

reflexões, no sugestivo de suas máximas e, acima de tudo, na confluência das vertentes humanas que é a vida mesma dos povos. As suas fontes são espelhos comuns a todos os homens e por isso o seu estudo em conjunto, a fim de determinar a resultante das forças que desenvolve, é um fator valioso e capaz de atenuar os estados de tensão que asfixiam o mundo moderno. A ciência do folclore nos fornece dados para observar o modo de ser de todos os povos, explicando os motivos e o mecanismo das culturas, no conceito de Aurélio Espinoza.

Certames, como êste, valem menos com intenção de dizer o que fizemos, senão de planificar o que temos de realizar, porque a tarefa já feita importa muito, é certo, mas com a intenção precípua de clarear o caminho a prosseguir. E, acima de tudo, a nossa família, a família dos que amam e estudam o folclore, se reúne. Sentamo-nos lado a lado e conversamos, analisamos, debatemos, corrigimos, retificamos, delineamos normas e assentamos planos, reforçando acima de tudo o ânimo e o desvêlo com que devemos continuar a estudar e cuidar da cultura popular do Brasil.